

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

MISCELLANEA FOLK-LORICA

Foi mui triste e fatigado;
 —Basta, ó minha senhora,
 Pela clemencia que ousacs.
 Um pobresinho leproco
 Na nossa cama o deitaes.—
 A santa, que isto ouvin,
 Os seus olhos pôz no ceu,
 Os seus joelhos na terra.
 El-rei as corrediças correu,
 Um senhor crucificado achou.
 —Agora vos digo, senhora,
 Minha c'roa podeis dar,
 O meu thesouro empenhar,
 Para dar aos peregrinos.
 Que eu contente hei de ficar.
 Em Saragoça nascida.
 Em Estremoz fallecida.
 Nas freiras de Santa Clara
 Enterrada.

(Campo Maior.)

XXI

(Romance)

Bernal Francez

Era meia noite em ponto
 A uma porta batiam.
 —Se é Bernardo Francez,
 A porta lhe vou abrir,
 Se é algum dos seus criados,
 Todos já se podem ir.
 —Sou eu, sim, minha senhora,
 A porta me queira abrir.—
 O' descer da sua cama,
 Lhe caira o ananguil,
 O' abrir da sua porta
 Se apagára o candeil,
 Pegára-lhe pela mão
 E o levára ao seu jardim,
 E mui bem o lavara
 Em agua de alecrim,
 Para a sua cama o levára
 E o deitára a par de si,
 —Que tendes, Bernardo Francez
 Que tanto pensas em ti,
 Que meia hora é passada
 E sem te virares para mim?
 Se tens medo aos mouros,

Elles não te combatem aqui;
 Se tens medo aos meus irmãos,
 Elles não estão por aqui;
 Se tens medo ao meu marido,
 Elle longe está de ti,
 Mil facadas o mátem,
 Más novas me tragam d'elle,
 E boas m'as tragam de ti.
 —Eu não tenho medo aos mouros,
 Que elles longe estão de mim,
 Nem medo tenho a teus irmãos,
 Que cunhados são de mim,
 Nem tão pouco a teu marido,
 Que o tens a par de ti.
 —Ai! desgraçada de mim,
 Foi um sonho que sonhei
 Que tinha meu amor nos braços,
 Sem saber que o tinha aqui.
 —Socega, que ainda é de noite,
 Deixa vir a manhã sim,
 Vestirás caia de malha,
 Roupinha de carmelim.
 —Peço-te que me enterres
 No adro de S. Chrispim.
 —Aonde vae Bernardo Francez,
 Tão pensativo em ti?
 —Vou ver a minha dama,
 Que ha dias que a não vi.
 —A tua dama já é morta,
 E morta foi por mim.
 As facadas que dei n'ella
 Quem m'as dera dar em ti.
 —Eu hei-de ir áquelle outeiro
 Aonde costumava a ir.
 Tanto lho hei-de bradar
 Que ella me ha-de acudir.
 —Adeus, Bernardo Francez,
 Vive tu que eu já vivi,
 Olhos com que te olhava
 Já do terra os cobri,
 Boca com que te beijava
 Já não tem sabor em si;
 Braços com que te abraçava
 Já não tem vigor em si;
 Se chegares a ter filhas
 Ensina-as melhor que a mim,
 P'ra que se não peream mulheres
 Como eu me perdi por ti.

(Elvas)

XXXX
(Romance)
Santo Antonio

Estando o padre Santo Antonio
Aprégando o seu sermão,
Veio um anjo lá do ceu
Que o vinha converter:
—Tu, Antonio, estás aqui,
E tu não quererás crer,
Christo te manda dizer:
O teu pai vae a morrer.—
Santo Antonio que isto ouviu,
A Ave Maria peliu.
Foi logo direito á corte,
.....
Justiça com toda a gente:
—Onde levas esse homem
Padecer tão innocente?
—Esse homem vae a morrer
Por outro que elle matou,
Testemunhas o juraram,
No quintal o eutorrou.
—Vamos a esse quintal
Onde esse homem morto está.—
Santo Antonio benzeu a terra.
.....
—Levanta-te, homem morto,
Com graça do Omnipotente,
Diz lá quem te matou,
Desengana esta gente.—
O morto se levantou,
Deitou olhos ao senado:
Esse homem não me matou,
Nem d'elle dou signal,
Na companhia levas
Quem me fez todo o mal!
—Peço, p'la Virgem Sagrada,
Que não descubra mais,
Que venho aqui p'ra livrar,
Não venho p'ra condemnar.
—Diz/i-me, ó reverendo padre,
Onde é o vosso convento,
Que vos quero ir visitar.
—O meu convento é em Padua,
Não podeis lá chegar,
Mas quero que reconheças
O vosso filho Fernando,
Que mudou nome p'r'Antonio
P'ra se livrar do demonio,
Que sempre o andava atentando.
Deixae-me ir, ó meu pae,
Acabar o meu sermão,
Que deixei aquella gente
Toda posta em oração.
—Ditoso de um tal pae,

Que tem um filho d'esta sorte,
Vem de Padua a Lisboa
A livrar o pae da morte.

(Elvas).

XXXX
(Romance)
Maravilhas do meu
velho

1.^a versão

Maravilhas do meu velho
Tenho eu para contar,
Que me deixou real e meio
P'ra me vestir e calçar,
E o que d'isto me sobrasse
Que lh'o tornasse eu a dar,
P'ra comprar de presunto
P'r'ó velho se besuntar.
Levantei-me manhã cedo,
Fui fazer o meu jantar,
Encontrei meu velho morto
Entre as portas do quintal,
Chamei pelas choradeiras
Que m'o ajudassem a chorar,
Bem chorado, mal chorado,
Seja o velho enterrado.
(Elvas).

2.^a versão (1)

Vossê, velho, quer casar,
Só se fôr co' a condição
De eu dormir na minha cama,
E vossê, velho, no chão;
Eu hei-lhe comer pão alvo,
Vossê, velho, de rolão,
Eu hei-de beber bom vinho
Vossê, velho, vinagrão;
Eu hei-de ir á romaria
Onde as outras moças vão;
Sete varas de filó
Quero eu para a cintura,
Eu me mettendo no baile
P'ra fazer boa figura,
Vinda de lá uma vez
O meu marido achei morto.
O' irmãos da misericórdia,
Levem-no a enterrar,
E bem longe das paredes
Não salte elle p'r' o quintal;
Façam-lhe a cova bem funda
Com cem varas de medir,
Que o velho era maganão
Não torne elle cá a vir.
Fui p'ra casa puz meu manto,
Fui meu velho ver enterrar,
E não houve quem dissesse:

Viuvinha quer casar.
 A panella da viuva
 E' um grande entremez,
 Eram dezoito olleiros
 Gastaram n'ella um mez.
 Leva cem porcos de vara,
 E outros tantos de corrida,
 Queima cem carros de lenha,
 P'rá carne ficar cosida,
 Não fallando em alegumes
 Porque isso inda passa a mais,
 Pode Beja inteira vir
 Com todos seus ferrageaes,
 Volta atraz, que me esqueceu
 Da panella um pontinho,
 Eram dezoito mulheres
 P'ra lhe pôrem o testinho.
 O testinho da panella
 E' onde amasso o meu pão,
 Leva um moio de farinha
 E outro moio de rolão.

(Beja).

(Recolhida pelo sr. José Bernar-
 do d'Assumpção).

Cantos maritimos

a) Ao levantar ferro

(voz)

—A grande nau Cath'rineta
 Tem os mastardos de pinho.

(còro)

—Ailé, lé, lé,
 Maruginho bate o pé.

—O ladrão do dispenseiro
 Deitou agua no vinho.

—Ailé, lé, lé,

Marinhoiro, vira a ré.

—Antes de cassar as gavesas
 Põe-se o ferro sempre a pique.

—Ailé, lé, lé,

Cada qual mostra o que é.

—Para a nau ficar a nado
 Abrem-se as portas ao dique.

—Ailé, lé, lé,

Chega tudo cá p'r' á ré.

—Quando as gavesas vão nos rizes
 A maruja talha ao lais.

—Ailé, lé, lé,

Quem é mouro não tem fê.

—Sobem dois a impunir,

A rizar sobem os mais.

—Ailé, lé, lé,

Tu com tu, crê com crê.

Quando o barco faz cabeça
 Ala braços, iça a giba.

—Ailé, lé, lé,

Vae de longe, que é maré.

—Quando elle arranca o ferro.

Vira então de leva arriba.

—Ailé, lé, lé,

Viv' ó mar e S. José.

—E' d'usança, ao quarto d'alva,
 Matar na coberta o bicho.

—Ailé, lé, lé,

Deixa a maca, poête a pé.

—Antes da baldeação,
 Varre o moço, apanha o lixo.

—Ailé, lé, lé,

Peito á barra, finca o pé.

—Todo o barco que anda a corso,
 Caça outro que se veja.

—Ailé, lé, lé,

Muito cafre tem Guiné.

—Todo o moço do convez,
 Caça a isca na bandeja.

—Ailé, lé, lé,

Mazagão não è salé.

Da mulher e mais do vento,
 A trez quartos por sotavento.

—Ailé, lé, lé,

Quem não pode vae p'r' á ré.

—O meu amor é do mar,
 E' do mar anda no troço.

Ailé, lé, lé,

Ilha do Principe, S. Thomé.

—Elle diz que me hade dar
 Um cordão para o pescogo,

—Ailé, lé, lé,

Bem canta, mas é quem é.

b) Cantigas a bordo

Esta vida de marujo
 E' vida de mil diabos,
 Passam os dias, passam as noites
 Sempre mettido entre cabos.

Ailé lé, lé,

Peito á barra

Finca o pé.

Ao almoço tem bolacha.
Ao jantar bolacha dura,
Nem ao menos p'ra beber
Tem uma pinga d'agua pura.
Ailê, lé, lé,
Marujinho
Vira a ré.

Quando adoece vae p'r' á prôa,
Ao tempo se vae curar,
Se morre, com mil diabos,
Vae para o fundo do mar.
Ailê, lé, lé,
Cabo Verde,
S. Thomé.

Quando o contramestre
Manda ferrar joanete á prôa,
Logo me lembram
As meninas de Lisboa.
Ailé, lé, lé,
Andar por d'avante
E vira é ré.

(Recolhida a bordo, pelo sr. major Manoel José da Costa e Silva.)

...X...

XXV

Conceito popular de Cupido

(Cantigas alentejanas)

Na escola de Cupido
Sete annos n'ella andei,
O Cupido foi meu mestre,
Vê lá tu se eu saberei.

O' Cupido, rei das flores,
Tem tu de mim piedade,
Estou desprezado do amores
Na flor da minha idade.

Atira, Cupido, atira
Atira, não tenhas dô,
Mata-me aquelle ingrato,
Quo se foi, deixou-me só.

Cupido, rei dos amantes,
Aprendeu a cravador,
Para pregar diamantes
No peito ao seu amor.

Hei-de escrever a Cupido
Mandando-lhe procurar

Se um coração offendido
Tem obrigação de amar.

Cupido vae pela serra,
Descalço, pisando flores,
Vae gritando em altas vozes;
Viva quem sustenta amores.

Cupido vae pela serra,
Descalço, pizando flores,
Vae andando, vae dizendo:
Morra quem não tem amores.

Fui á escola do Cupido
E para amar aprendi;
Com pena de te não ver
Uma carta te escrevi.

No tribunal do Cupido
Me fizeram julgador;
Não sei como haja quem dê
Sentenças contra o amor

O Cupido é quartel mestre,
Dá quartel aos seus soldados
Bem poderas tu, Cupido,
Dar quartel aos meus cuidados.

Se eu podera esclarecer
O que me occorre ao sentido,
Seria juiz de direito
No tribunal de Cupido.

N'esse mesmo tribunal,
Me fizeram julgador,
Não accitei, por não dar
Sentenças contra o amor.

Tu chamaste ao meu cabello
Canavial de Cupido;
Tambem eu chamei aos teus
Laços que me tem prendido.

Cupido dos ceos baixando
Em dourado coche vem,
Traz tintas para fazer
O retrato do meu bem.

...X...

XXVI

Conceito popular da Sereia

Ouvi cantar a sereia
Lá no meio do mar sagrado,
(Continúa)